Revista eletrônica HISTÓRIA EM REFLEXÃO

PPGH - Programa de Pós-Graduação em História
UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

ISSN: 1981-2434
Dourados - MS - Brasil

AXÉ, BABÁ! O CARNAVAL VOLTOU PARA A CASA!

AXÉ, BABÁ! THE CARNIVAL RETURNED TO HOME!

FERNANDA CRISTINA MIRANDA[1]

RESUMO

O presente artigo tem a proposta de mostrar que as escolas de samba do Carnaval da cidade do Rio de Janeiro retomaram as religiões afro-brasileiras como temática de seus desfiles nos anos de 2020, 2022 e 2023, depois de um período distante do assunto, apesar de os desfiles e as escolas de samba terem se originado nos terreiros cariocas, espaços esses que se configuraram como territórios da África no Brasil pós-escravidão e onde nasceu todo o capital cultural do povo negro, dentre os quais estão as religiões, a música, a estética. O artigo detalha os desfiles de 2017 a 2023 a partir da análise dos temas dos sambas-enredos, quantificando aqueles em que a umbanda, o candomblé, suas divindades e suas simbologias estão presentes, de forma direta – ou seja, é o tema principal ou parte substancial dele - ou indireta – em que o assunto é citado brevemente. O artigo destaca o resultado do desfile de 2022, em que a escola Acadêmicos do Grande Rio foi campeã com o samba "Fala, Majeté! Sete chaves de Exu", porque ele retrata Exu, a divindade do panteão africano mais polêmica por conta de todo o processo de demonização sofrido em outras religiões, em especial nas igrejas neopentecostais. O artigo recupera esse processo de demonização para mostrar quanto esse resultado é significativo.

Palavras-chave: Religião. Umbanda. Escolas de samba. Carnaval. Desfile.

ABSTRACT

This article aims to show that the samba schools of the Carnival of the city of Río de Janeiro returned to Afro-Brazilian religions as the theme of their parades in the years 2020, 2022 and 2023, after a period deprived of this theme, despite that the parades and samba schools had their origins in the terreiros of Rio, spaces that were configured as African territories in post-slavery Brazil and where all the cultural capital of black people was born, including religions, music, aesthetics . The article details the parades from 2017 to 2023 based on the analysis of the themes of the sambas-plots, quantifying those in which Umbanda, Candomblé, their deities and their symbols are present, in a direct way - that's it, that's it. main theme the substantial - part of the same - the indirect - where the theme is briefly mentioned. The article highlights the result

[1] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (PPGS-UFSCar). E-mail da autora: fernandamiranda.jor@hotmail.com

of the 2022 parade, where the Academicos do Grande Rio school won the championship with the samba “Fala, Majeté! Seven keys of Exu”, because it portrays Exu, the most controversial deity of the African pantheon due to the entire process of demonization suffered in other religions, especially in neopentecostal churches. The article recovers this process of demonization to show how significant this result is.

Keywords: Religion. Umbanda. Samba schools. Carnival. Carnival parade.

INTRODUÇÃO

Adakê Exu, Exu ê odará! Ê bara ô, elegbará!
Lá na encruza, onde a flor nasceu raiz
Eu levo fé nesse povo que diz
Boa noite, moça, boa noite, moço!
(“Fala, Majeté! Sete chaves de Exu!”)

O presente artigo tem a proposta de mostrar que as escolas de samba do Carnaval da cidade do Rio de Janeiro retomaram as religiões afro-brasileiras como temática de seus desfiles nos anos de 2020, 2022 e 2023, depois de um longo período sem abordar o assunto para além das saudações aos orixás protetores de cada agremiação antes das apresentações na Sapucaí. Isso aconteceu apesar de os desfiles e as escolas de samba terem sua origem ligada à existência dos terreiros de umbanda e candomblé cariocas e toda a sua musicalidade e estética estarem igualmente coligadas, como vai demonstrar o texto.

O artigo retoma as origens de cada uma destas manifestações culturais, o momento histórico em que elas se encontram e detalha os desfiles das escolas de samba do grupo especial do Rio de Janeiro no período de 2017 a 2023 (em 2021 não houve devido à pandemia da Covid-19) a partir dos temas de seus sambas-enredos. A proposta é quantificar aqueles em que a umbanda, o candomblé, suas divindades e suas simbologias estão presentes, seja de forma direta ou indireta. E, a partir disso, dimensionar a ausência da temática nos três primeiros anos e a retomada do assunto nos três últimos anos avaliados.

Este texto ainda destaca o resultado do desfile de 2022, em que a escola Acadêmicos do Grande Rio se sagrou campeã com o samba “Fala, Majeté! Sete chaves de Exu!”, que retrata Exu, a divindade do panteão africano mais polêmica por conta de todo o processo de demonização sofrido por outras religiões, em

especial nas igrejas neopentecostais. O desfile traz uma construção simbólica que subverte essa ordem e exalta as qualidades de Exu. O artigo mostra como se deu esse processo de demonização da entidade para apontar o quanto essa vitória é significativa para a temática e para as religiões afro-brasileiras.

O levantamento dos temas foi feito a partir dos sites oficiais das escolas de samba, do site da Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (Liesa) e das coletâneas dos sambas-enredo de cada ano.

O texto analisa então o conjunto de desfiles, fazendo uma descrição breve destes sambas-enredos, apontando os elementos relacionados às religiões afro-brasileiras presentes na composição e citando trechos das músicas.

A intenção é comprovar que em 2017, 2018 e 2019 a temática das religiões afro-brasileiras estava escassa nos desfiles, mas que a partir de 2020 os ritos de umbanda, candomblé, ifá e outras manifestações de origem e influência africana voltam aos desfiles com força total.

O artigo não tem o propósito de entender as razões que levaram a esta guinada nos temas dos sambas-enredos, mas sim mostrar a consolidação desta volta do carnaval do Rio para a sua casa, os terreiros onde nasceram a religião, o samba e escolas de samba, e apresentar a forma como as religiões afro-brasileiras foram retratadas nas canções dos desfiles cariocas nestes seis anos.

É importante dizer que uma observação rápida dos desfiles do Carnaval da cidade de São Paulo nos mesmos períodos aponta para esta mesma direção, porém não haveria espaço suficiente neste artigo para também fazer a análise e descrição dos desfiles das escolas paulistanas.

1. MAIOR FESTA POPULAR

O Carnaval é a maior festa popular brasileira e sua maior referência tanto nacional quanto internacional é o Carnaval na cidade do Rio de Janeiro devido aos desfiles das escolas de samba. Todos os anos, a festa atrai milhares de turistas brasileiros e estrangeiros, cria empregos diretos e indiretos e movimenta milhões de reais na economia da Capital Fluminense. Neste período do ano, a cidade do Rio de Janeiro responde por um terço de toda a movimentação financeira do País.

De acordo com dados da segunda edição do estudo Carnaval de Dados

(Poder 360, 2023), publicado pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Inovação e Simplificação (SMDEIS), do Rio de Janeiro, em parceria com o Instituto Fundação João Goulart e com a Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro (Riotur), a movimentação econômica do Carnaval da cidade do Rio de Janeiro em 2023 ficou em torno dos R$ 4,5 bilhões, um aumento de 12,5% em relação a 2020, a última festa antes da pandemia da Covid-19.

Em termos de geração de trabalho e renda, a festa movimenta 20 mil pessoas em um único dia de desfile no Sambódromo, mas, no total, 45 mil pessoas trabalham oficialmente no evento, segundo dados do mesmo estudo.

Festa do povo, o carnaval de rua do Rio de Janeiro reúne mais de 37 mil componentes nas 12 escolas de samba do Grupo Especial[2], e mais 28.900 nas 15 agremiações da Série Ouro, o grupo de acesso do carnaval carioca, todos moradores das comunidades, morros e favelas das Zonas Norte e Oeste da cidade. Ao todo, são 66.200 componentes das 27 escolas no desfile de rua do Rio de Janeiro, protagonizando a festa diante dos olhos curiosos de todo o mundo.

No setor de turismo, o Rio é o destino mais procurado nas rodoviárias do Brasil nesta data e, entre brasileiros e estrangeiros, soma em torno de 1,5 milhão de visitantes, de acordo com levantamento da Associação Brasileira de Agências de Viagens (O GLOBO, 2023).

Registros de sites especializados no assunto e depositórios da cultura afro-brasileira afirmam que a primeira escola de samba do Rio de Janeiro surgiu no início do século passado. Denominada Deixa Falar, a agremiação foi fundada em 12 de agosto de 1928 por um grupo de sambistas e praticantes dos ranchos carnavalescos, cortejos de carnaval surgidos no final o século XIX que tinham como características principais desfilar ao som das marchas-rancho, com a presença de Rei e Rainha.

Eram fortemente influenciados pela dança e divertimentos da cultura africana, como congos e cucumbis, e abordavam as temáticas sociais que mais afetavam a população carioca. Os rancheiros usavam roupas específicas e

[2] Nota da autora: O número de escolas no Grupo Especial varia a cada ano. Em 2018, 13 escolas desfilaram no Grupo Especial. Em 2019, foram 14 agremiações.

tocavam instrumentos variados, não apenas de percussão.

Antes dos ranchos, ainda no século XIX, havia uma prática popular chamada entrudo, influenciada por um festival português de mesmo nome, em que a população carioca saía às ruas para se molhar e se sujar. Em um processo higienista, as elites combateram o entrudo inclusive com a ajuda da polícia porque queriam brincar o carnaval sem contato com os pobres (GIRON, 2011). Daí surgiram os zé-pereira, em que os homens celebravam o carnaval nas ruas tocando instrumentos de percussão, em especial os bumbos. Em algumas décadas, este movimento evolui para os ranchos carnavalescos.

Por isso, aquele que se considera o primeiro baile de Carnaval do Rio, com blocos e ranchos, data de 1840, mas sem o samba, que só seria criado oficialmente algumas décadas mais tarde. Segundo o site oficial Rio Carnaval, a influência africana já naquela época estava presente na indumentária dos desfiles das pessoas escravizadas, ex-escravizados e seus descendentes, que "usavam máscaras e fantasias feitas de penas, ossos, grama e outros elementos, pois acreditavam em seu poder de invocar os deuses e afastar maus espíritos". E, deste antigo costume africano, nasceu o uso de enfeites nas fantasias do carnaval.

Já o nome "escola de samba" dado à agremiação Deixa Falar foi cunhado por dois de seus fundadores, os compositores Ismael Silva e Nilton Bastos[3], grandes referências da boemia carioca, influenciados por uma Escola Normal que ficava em frente ao botequim onde eles costumavam se reunir para fazer música, beber e conversar.

A pioneira escola de samba Deixa Falar desfilou pela primeira vez em 1929 e pela última vez em 1931, mas, apesar do pouco tempo de vida, deixou esta marca histórica, influenciando a formação de escolas hoje tradicionais como Portela, Unidos da Tijuca e Mangueira, de acordo com o acervo do Museu Afro Brasil.

O primeiro desfile oficial das escolas de samba se deu em 1932, organizado pelo periódico esportivo Mundo Sportivo, teve 19 participantes e foi vencido pela

[3] Ismael Silva e Nilton Bastos são os autores dos sambas do cantor Francisco Alves, com quem formavam o trio "Bambas do Estácio", uma referência à Rua Estácio de Sá, onde os malandros cariocas se reuniam e compunham nos anos 1930. Após a morte de Bastos, Silva firmou parceria com Noel Rosa.

Estação Primeira de Mangueira. Três anos depois, o desfile já recebia apoio financeiro do poder público, como ocorre até os dias atuais, vislumbrando o potencial econômico e turístico do evento, e ganhava formato mais profissional, com regras e critérios específicos para definir a escola campeã.

No Estado de São Paulo, os desfiles oficiais decorrem do sucesso do carnaval do Rio e foram oficializados e profissionalizados apenas na década de 1960.

No mesmo contexto de nascimento das escolas de samba acabara de nascer no Rio de Janeiro a umbanda, misturando elementos do catolicismo, do candomblé e kardecismo. Nas palavras de Pierucci (2004), "religião que se queria afro, porém para todos, (...) étnica e universal (...) para alguns a religião que melhor encarnava a tradição sincrética nacional".

E, em seus terreiros, despontava o samba, que seria, dentre estes elementos culturais, aquele escolhido como grande símbolo da identidade nacional, com apoio do Governo Getúlio Vargas e da indústria fonográfica, que desenhavam o ideal da democracia racial no Brasil e estimulavam a miscigenação para "branquear" a nação.

Oficialmente, o samba surge com a gravação da música Pelo Telefone, composição de Donga e Mauro de Oliveira, nos registros da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Mas, de fato, o samba vem de África com o povo escravizado[4] do Oeste do continente e de Angola.

Com a abolição, muitos desses ex-escravizados se estabeleceram em lugares como Cidade Nova e Praça Onze e nos terreiros onde a comunidade negra e periférica do Rio se reunia para festas e rituais religiosos de umbanda e candomblé. Com a popularidade do samba, compositores, músicos e passistas passaram a se reunir regularmente para exibir seus talentos, formando clubes e associações que competiam uns contra os outros: as escolas de samba.

Como registrou Roger Bastide (1989), ao falar sobre o mundo encontrado pelos ex-escravizados após a abolição, sem qualquer suporte de políticas públicas assistenciais que oferecessem aos homens e mulheres a possibilidade de reorganização social e de adaptação no meio urbano, a maioria deles deixou

[4] Site Rio Carnaval. Disponível em: https://www.riocarnaval.org/pt/carnaval-do-rio/historia.

as roças e migrou para as cidades. As dificuldades de integração social, moradia e emprego foram diversas, porém se deu em maior grau para os homens, uma vez que o trabalho que eles faziam nas fazendas não tinha serventia na cidade, enquanto as mulheres conseguiram emprego como faxineiras, passadeiras, lavadeiras, arrumadeiras.

> (...) a criança abandonada cresce sozinha nos canaviais; a família desorganizada se restringe ao concubinato; o homem sente-se sem apoio, completamente isolado, pronto a se lançar o abismo que o atrai, a sexualidade, a aguardente, movido pela vontade de autodestruição de sua própria personalidade que o meio social não quer mais reconhecer. (BASTIDE, 1989, p. 236)

É neste cenário que a religião, neste caso o candomblé, se fundamenta como único ponto de apoio e suporte social e emocional destas famílias, com as poucas referências que restaram de suas estruturas sociais em África:

> Nesta atomização e desumanização das relações humanas, o candomblé permaneceu o único centro de integração possível. Na medida em que houve uma reconstituição do povoado africano, com suas regras de confraternização religiosa e seus modelos de assistência mútua, como também esta afetividade que ligava seus membros, tornou-se (o candomblé), para esta população, subitamente abandonada a si mesma, o refúgio e o apoio. (BASTIDE, 1989, p. 236)

É, inclusive, com base neste argumento de Bastide que Prandi (2007) observa o candomblé como uma recriação do mundo em que escravizados e ex-escravizados podiam se retirar "da sociedade branca opressiva e dominadora" e na qual o terreiro ocupava o papel social de substitutivo da cidade africana de origem e do núcleo familiar que não pôde ser refeito no Brasil, como "África recuperada na vida religiosa dos terreiros".

> O candomblé punha à disposição do negro brasileiro um mundo também negro, comunitário-familiar (...) de modo que o fiel pudesse passar de um mundo para o outro como se fossem dimensões ortogonais de uma mesma realidade, em que o não-religioso significava a adversidade a que o negro estava sujeito pela realidade histórica da escravidão. (PRANDI, 2007, p. 06)

Pensando sob esta mesma perspectiva para as demais manifestações culturais do povo preto em diáspora no Brasil, podemos traçar este mesmo paralelo e dizer que o samba e o carnaval são também extensões desta África

em solo brasileiro; que um é fortemente influenciado pelo outro; e se trata de um conglomerado em que um não pode se dissociar dos demais.

> O candomblé assim é muito confundido com sua forma estética, a qual se reproduz no teatro, na escola de samba, na novela da televisão - os orixás ao alcance da mão como produto de consumo. Porque candomblé também é festa, como o estudou Rita de Cássia Amaral em 'Xirê! O modo de crer e de viver do povo-de-santo'. (PRANDI, 2007, p. 13)

Nos mesmos espaços brotam e se alimentam mutuamente o samba, as escolas de samba, os terreiros, os desfiles, a umbanda, o candomblé e outros derivados do encontro das diferentes etnias africanas no Brasil. Todos são símbolos importantes da cultura nacional.

> Apesar do pequeno número de adeptos, o candomblé e a umbanda têm grande visibilidade e muitos dos símbolos da identidade do Brasil, assim como práticas culturais importantes, são originários dessas religiões. Religião afro-brasileira, como diz Antônio Flávio Pierucci, virou cultura: é samba, carnaval, feijoada, acarajé, despacho, jogo de búzios. (...) religiões afro-brasileiras, que se deixaram misturar na cultura profana, fazendo parte hoje da alma brasileira. Um seguidor do candomblé poderia bater no peito e dizer: orixá também é cultura. (PRANDI, 2007, p. 02)

2. NO SAMBÓDROMO

Nascidos então nas rodas de terreiros, samba e escolas de samba passaram por transformações ao longo destes quase cem anos e, neste processo de massificação e profissionalização, fugiram da temática religiosa e dos temas sociais que fazem parte de sua origem para assuntos mais abrangentes, que possibilitassem essa exploração de forma estética, musical e visual e que ainda sensibilizassem público e jurados.

Uma prática que se tornou comum entre as agremiações foi a venda de temas dos sambas-enredos. Não foram poucas as empresas que patrocinaram desfiles exaltando as belezas e riquezas de suas cidades e Estados. Nas descrições do site Rio Carnaval, as escolas de samba são apontadas como "empresas", o que justificaria a busca por recursos privados deste tipo visando o financiamento dos desfiles e a lucratividade da agremiação.

Observando os dados do desfile de 2017, vemos que já naquele ano as escolas escolheram temas mais culturais e menos comerciais. Dentre as 12

agremiações, encontramos homenagens a pessoas e personagens literários – a Beija-Flor desfilou a obra “Iracema”, de José de Alencar, o Salgueiro buscou inspiração no clássico “Divina Comédia”, de Dante Alighieri, e a Grande Rio contou a trajetória da cantora Ivete Sangalo. A música também apareceu nos desfiles da Vila Isabel, que falou da influência negra na música latino-americana; a Unidos da Tijuca cantou a história da música americana; e a Paraíso do Tuiuti resgatou o Tropicalismo.

Povos e etnias também podem ser vistos como outra “categoria” do desfile de 2017, aparecendo em quatro dos 12 desfiles – a Imperatriz Leopoldinense falou sobre os povos indígenas do Xingu; a cultura francesa e a história da construção do palácio de Versailles foram o tema da São Clemente; a Mocidade Independente de Padre Miguel falou sobre as belezas e tradições do Marrocos; e a União da Ilha reverenciou Nzambi Mpungu, o criador do universo no candomblé bantu.

Este último é um dos cinco desfiles em que a religiosidade afro-brasileira aparece, sendo esta a referência mais direta. Diz a mitologia bantu que Nzambi vivia em um palácio com ampulhetas mágicas. Ele convoca Kitembo, rei de Angola, para dar sentido à vida e transformar o universo e a humanidade por meio de elementos da natureza. Kitembo se fixa na Terra, faz conexão com o mundo sobrenatural e se une a inquices[5] para mover o mar, abrir caminhos, forjar metal, fornecer alimentos, criar o fogo, enfim, prover a vida na Terra. Em um trecho do samba que cita Nzazi, inquice do fogo e do trovão e Deus da Justiça, a música diz: "A chama ardente é fogo / O fogo que queima é paixão / É Nzazi fazendo justiça / Na força de um trovão".

Outra escola a tratar da temática religiosa afro-brasileira de forma enfática foi a Mangueira, que abordou a religiosidade brasileira. A letra do samba cita amuletos religiosos e as rezas nos altares e congás[6]. Diz o samba: "No peito patuá, arruda e guiné / Para provar que o meu povo nunca perde a fé / A vela acesa pro caminho iluminar / Um desejo no altar ou no gongá". Ao longo da letra, são várias as referências aos santos católicos e às divindades da umbanda e a

[5] Divindades de origem angolana, cultuadas no Brasil pelos candomblés das nações angola e congo.
[6] Congá ou gongá é o altar onde ficam as imagens das divindades da umbanda, com outros elementos, como velas, folhas, espadas, pedras, machadinhas e flores.

essa multiplicidade de crenças do brasileiro, envolvendo especialmente o catolicismo e as religiões espirituais.

Campeã de 2017, a Mocidade Independente de Padre Miguel descreve uma viagem imaginária ao Marrocos, fazendo ligações entre o país africano e o Brasil. É neste momento que ocorre um encontro entre Alah, o Deus do Islamismo, religião oficial do Marrocos, e Xangô, orixá da justiça e da verdade nas religiões afro-brasileiras: "Fui ao deserto roncar meu tambor / Pra Alah conhecer meu Xangô". Mais adiante, o narrador desta história vê Iemanjá, orixá protetor dos mares e oceanos, no Estreito de Gibraltar.

Ao falar sobre a importância dos rios para a humanidade, a Portela não se esquece da divindade Oxum, conhecida como rainha das águas doces. Já o Salgueiro conseguiu unir a literatura italiana e a mitologia iorubá ao falar sobre o paraíso que, na visão do samba, são os ranchos carnavalescos, e denominar o céu como Orum. "Lá, onde ressoam tambores / Toca, batuqueiro, dobre o rum / Aos presentes de Orum...".

3. COM DINHEIRO OU SEM DINHEIRO

O carnaval de 2018 teve muita polêmica, ainda meses antes de os desfiles começarem. Em meados de 2017, o bispo Marcelo Crivella, então prefeito do Rio de Janeiro, anunciou corte de 50% no repasse de recursos para as escolas de samba (Exame, 2017). Ao invés de R$ 2 milhões, cada uma das 13 escolas que desfilaram em 2018 recebeu R$ 1 milhão. Prefeito e RioTur, órgão municipal responsável pela realização do evento, alegaram que o recurso retirado seria investido em creches porque “diante da crise deve-se priorizar o que é essencial”. Entre os carnavalescos, no entanto, a justificativa não colou. Para eles, a motivação era o fato de Crivella ser bispo licenciado da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), que repudia o carnaval.

Com recursos pela metade, as escolas buscaram temas políticos para os desfiles, com destaque para a *Beija-Flor*, que falou das desigualdades sociais; *Paraíso do Tuiuti*, que destacou a escravidão moderna; e *Mangueira*, que entrou na passarela do samba com o enredo de protesto “Com dinheiro ou sem dinheiro, eu brinco!”, uma crítica direta ao então prefeito.

A *União da Ilha* cantou o Descobrimento do Brasil e no refrão central do

samba fez referência à culinária dos escravizados, com destaque para a feijoada, prato utilizado em rituais africanos, e aos orixás femininos: "Fogo aceso no terreiro das Yabás ô ô / Na mistura a herança dos meus ancestrais / Bota água no feijão que o samba esquentou / Óôôô na batida do tambor". A ancestralidade das mulheres africanas volta a aparecer no desfile do *Salgueiro*, exaltação às matriarcas negras: "Na força do seu ritual sagrado / Riqueza ancestral / Deusa raiz africana / Bendita ela é / e traz no axé um canto de amor / Magia pra quem tem fé / Na gira que me criou".

A *Paraíso do Tuiuti* cita os pretos-velhos, uma das principais entidades da umbanda, que se manifestam como homens africanos escravizados, no refrão central: "Ê Calunga ê, ê Calunga! / Preto-velho me contou, Preto-velho me contou / Onde mora a senhora liberdade / Não tem ferro, nem feitor...".

Chega o ano de 2019 e as discussões sociais e existenciais seguem alimentando os sambistas cariocas. Ética, moralidade, mercantilização do samba, dinheiro e poder, alimento para o corpo e para a alma e instrumentalização da fé são temas do ano, quando desfilaram 14 escolas de samba no Grupo Especial.

O *Salgueiro* levou para a avenida seu padroeiro Xangô, deus dos raios, trovões e do fogo, orixá da Justiça, como tema. "Mora na pedreira, é a lei na terra / Vem de Aruanda pra vencer a guerra / Eis o justiceiro da Nação Nagô / Samba corre gira, gira pra Xangô". O samba exalta as virtudes do orixá, saúda suas três mulheres e ainda lembra o samba de 1969, "Bahia de Todos os Deuses", com o qual a escola foi campeã do carnaval. Lembra também o professor Júlio Machado, que desfilou vestido de Xangô por quase 40 anos e ficou conhecido como o Xangô do Salgueiro.

Ao cantar Clara Nunes, madrinha da Velha Guarda, a *Portela* exaltou as divindades que permearam repertório e fé da artista e a orixá Iansã, sua protetora. “Eparrei Oyá, Eparrei... / Sopra o vento, me faz sonhar / Deixa o povo se emocionar / Sua filha voltou, minha mãe”.

4. PRÉ-PANDEMIA

Em 2020, último desfile antes da pandemia da covid-19, o carnaval politizado deu mostras de que não estava para brincadeira e reafirmou na fé suas

origens culturais, especialmente a *Grande Rio*, vice-campeã com “Tata Londirá - O Canto do Caboclo no Quilombo de Caxias”, uma homenagem a Joãozinho da Goméia, pai de santo do candomblé que saiu da Rua da Goméia, em Salvador, para se estabelecer em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro.

O desfile tem saudação aos caboclos, ancestrais indígenas que guiavam João da Goméia; abertura de trabalhos feita por Exu; alusão a Oxóssi, seu orixá protetor; referência a uma polêmica que envolvia sua carreira devido à mistura dos ritos do candomblé iorubá, de origem nigeriana, com o candomblé de Angola; sua ligação com o carnaval; intolerância religiosa; e discriminação racial. O refrão fez muito sucesso na avenida: “Pelo amor de Deus, pelo amor que há na fé / Eu respeito o seu amém, você respeita o meu axé".

A citação aos orixás aparece em mais seis desfiles daquele ano. A *Viradouro*, que homenageou as Ganhadeiras de Itapuã, expressa a religiosidade saudando Xangô, orixá padroeiro da escola, e Oxum, padroeira do grupo de mulheres. *Vila Isabel* fala do Brasil miscigenado e, ao se referir à luta e à religiosidade do povo preto, as simboliza na figura de um preto-velho.

A *Portela* fala dos indígenas tupinambás do Rio de Janeiro antes da chegada dos portugueses e o refrão começa com um brado indígena e uma saudação a Oxóssi, orixá caçador, dono das florestas e padroeiro da bateria da *Portela* e do Rio de Janeiro no sincretismo com o catolicismo em que reconhecemos São Sebastião.

Na exaltação a Elza Soares, a *Mocidade* começa seu refrão principal com saudação a Exu, comparado à homenageada na letra do samba por ser porta-voz dos oprimidos, dos moradores em situação de rua e de quem tem menos oportunidades. A *Paraíso do Tuiuti* falou da relação entre Dom Sebastião I, de Portugal, São Sebastião, padroeiro da escola, e o Rio de Janeiro. Sendo assim, também tem samba para Oxóssi, sincretizado na umbanda com São Sebastião.

E, por fim, a *Beija-Flor* reafirma sua fé e pede passagem a exus e pombas-gira ao falar das histórias das ruas. A comissão de frente simulava uma briga de gangues em uma encruzilhada com Tranca-Ruas, Pombas-Gira, Malandros e outras manifestações da umbanda vestidas com roupas modernas.

5. DIÁSPORA AFRICANA

Em 2022, o povo negro foi protagonista dos sambas-enredo deste evento que é propriamente a concretização deste legado cultural dos africanos em diáspora no Brasil. Personalidades, religião, música, lutas e resistência estão em nove dos 12 sambas-enredos deste ano. Números bem diferentes do que observamos antes da pausa de mais de dois anos nos desfiles[7].

Além da campeã *Grande Rio*, que levou todos os paradoxos envolvendo a figura de Exu para o Sambódromo, a *Mocidade* cantou "Batuque ao Caçador", samba para Oxóssi, o orixá das matas. Já a *Beija-Flor* falou do seu aquilombamento e da reverência constante à temática afro-brasileira, denunciou a morte e a perseguição de pessoas negras, exaltou seus expoentes e sua poesia, seu samba, teatro, literatura e evocou a religiosidade de descendência africana em:

Meu pai Ogum ao lado de Xangô
A espada e a lei por onde a fé luziu (...)
Cada corpo um orixá! Cada pele um atabaque
Arte negra em contra-ataque
Canta Beija-Flor! Meu lugar de fala
Chega de aceitar o argumento
Sem senhor e nem senzala vive um povo soberano
De sangue azul, nilopolitano

Em "Ka Ríba Tí Ye – Que Nossos Caminhos Se Abram", a *Tuiuti* cantou as histórias de luta, sabedoria e resistência negra, pelas quais perpassa a questão religiosa; neste caso, quem brilhou foi a mitologia iorubá, suas divindades Oxalá, Olodumarê e Orumilá e seus praticantes, como os alabês, tocadores de tambores nos rituais de religiões afro-brasileiras, e a ialorixá Mãe Stella de Oxóssi.

Ogunhiê! Okê arô!
Laroyê! Meu pai, kaô
Tem sangue nobre de Mandela e de Zumbi
Nas veias do povo preto do meu Tuiuti
Ogunhiê! Okê arô!
Laroyê! Meu pai, kaô
Tem sangue nobre de Mandela e de Zumbi
Nas veias do povo preto do meu Tuiuti

Em "Não Há Tristeza que Possa Suportar Tanta Alegria", a *Viradouro*

[7] No período de pandemia apenas o desfile de 2021 foi cancelado. Em 2020, o Carnaval ocorreu em fevereiro, poucas semanas antes do início da pandemia. Em 2022, os desfiles do Grupo Especial do Rio de Janeiro foram realizados nos dias 22 e 23 de abril, ou seja, mais de dois anos após o último evento.

canta os diferentes carnavais, de 1919 até a pandemia, e a citação religiosa se dá ao lembrar as tias curandeiras que recorriam aos orixás para curar pessoas com gripe espanhola. Além disso, nesta história, Pierrot vai ao terreiro clamar pelo amor de Colombina. "Não perdi a fé, preciso te rever / Fui ao terreiro, clamei: Obaluaê! / Se afastou o mal que nos separou / Já posso sonhar nas bênçãos do tambor". Ao fazer colocar figuras clássicas dos carnavais europeus dentro de um terreiro, a escola mostra como aqui no Brasil os desfiles não podem ser dissociados deste espaço religioso.

O *Salgueiro* se voltou mais uma vez à temática racial e à resistência do povo negro, com enfoque no Rio de Janeiro e tendo a própria escola como espaço de organização social dessa população. Traça um paralelo entre as senzalas e as favelas e reverencia o samba, a capoeira, o caxambu, o jongo e as religiões afro-brasileiras como elementos da força, da criatividade e da resistência cultural preta.

Em "Igi Osè Baobá", a *Portela* cita apaocá, árvore africana cultuada como entidade que não existia no Brasil, por isso, no tempo da escravidão, foi substituída por uma jaqueira nos cultos dos escravizados. Também fala das rodas de dança para a evocação dos orixás e se coloca como espaço de partilha dos mesmos preceitos e saberes cultuados na África.

Ao cantar a vida de Martinho da Vila, a *Vila Isabel* não poderia se esquivar da fé africana no Brasil, já que o cantor é praticante do candomblé e muitas de suas músicas aludem a este universo.

E, ao contar a lenda indígena sobre a origem do guaraná, a *Unidos da Tijuca* fala dos erês, espíritos que se manifestam como crianças nas religiões afro-brasileiras, espíritos mais velhos e sábios que escolhem se manifestar na forma de crianças devido a sua pureza e que nas festas dos terreiros bebem muito guaraná.

6. TEM AXÉ NA PASSARELA DO SAMBA

O axé continuou dominando o Sambódromo em 2023. A *Grande Rio* voltou para a avenida naquele ano homenageando Zeca Pagodinho e é praticamente impossível dissociar o cantor e compositor dos ritos e divindades da umbanda e do candomblé. O tema permeia toda a sua obra e sua vida. Para

abrir o desfile, o narrador oferta uma cerveja para as entidades exu e pomba-gira da encruzilhada.

A *Viradouro* contou a história de Rosa Maria Egipcíaca, mulher escravizada aos 6 anos e forçada a trabalhar nas minas de ouro de Minas Gerais. Nesta trajetória, aparece o acotundá, um culto de matriz africana no Brasil Colonial praticado pelos escravizados em cidades mineiras e muito semelhante à umbanda, do qual Rosa seria praticante e, por isso, foi acusada de feitiçaria. Ela fugiu para o Rio, onde se tornou cristã, mas, mesmo assim, em 1763, foi tida pela Igreja Católica como herege e falsa santa, o que a levou a ser presa nos Cárceres do Santo Ofício da Inquisição de Lisboa. O samba dizia: “É vento na saia da preta courá / Na ginga do Acotundá é ventania / Sete vozes guiaram minhas visões / Mistério, alucinações, feitiçaria”.

A *Vila Isabel* cantou a fé, de Baco, deus do vinho e dos prazeres na mitologia romana, a São Jorge Guerreiro, do festival indiano Holi à festa de Nosso Senhor do Bonfim na Bahia, das oferendas para Iemanjá ao Dia dos Mortos. O samba termina com uma mensagem de respeito entre as religiões: "Vou respeitando a diversidade / Seja qual for a religião" (...) Toda a luz do meu axé... Evoé... Evoé!".

A *Mangueira* falou sobre as Áfricas da Bahia e, sendo assim, as religiões afro-brasileiras não faltaram. Elas surgem com a adaptação de um ponto para Oyá, divindade iorubá também chamada de Matamba na mitologia bantu e saúda todas as divindades. Ao falar da chegada dos escravizados africanos em Salvador, o samba conta que eles recriaram suas Áfricas dando origem a uma série de manifestações culturais que preservavam suas crenças, costumes e musicalidade, como observou Bastide (1973), fazendo da arte uma forma de se rebelar contra a escravidão e todo tipo de opressão. “Eparrei, Oyá, Eparrei, mainha / Quando o verde encontra o rosa, toda preta é rainha”.

A *Unidos da Tijuca* também exaltou a Bahia por meio de seu ritmo e seus batuques e chegou às religiões afro-brasileiras ao falar do sincretismo religioso com a vinda dos africanos escravizados ao Brasil; exaltou os terreiros de candomblé e a procissão de Senhor Bom Jesus dos Navegantes; fez saudações a Iemanjá e Oxum, respectivamente as orixás dos mares e das águas doces; e reverenciou o ritual Águas de Oxalá, festa anual realizada no terreiro Ilê Axé Opô

Afonjá, em Salvador.

Oh, Mãe deste meu espelho d'água
O mar interior tupinambá
Kirimurê das ondas mansas
Onde aprendi a navegar
No primeiro de novembro
Da real capitania
No olhar dos invasores
A cobiça, a maresia
Nesse eterno dois de julho
Sou caboclo rebelado
Terra que banho de luta
Pau Brasil, barril dobrado

A *Paraíso do Tuiuti* falou sobre a chegada dos búfalos à Ilha de Marajó, no Pará, cantou ritmos regionais, as lendas em que animais conversam com humanos, o búfalo-bumbá, a cerâmica local e, ao tratar da reprodução dos peixes, saúda Oxóssi. Além disso, em dado trecho, a orixá Oyá – ou Iansã – se transforma em búfalo.

Por fim, a *Império Serrano* também homenageia um sambista carioca, Arlindo Cruz, e, da mesma forma que ocorre com Zeca Pagodinho e Martinho da Vila, a religiosidade afro-brasileira é parte de seu referencial musical. O samba, a todo momento, pede licença a Xangô, Ogum, Oxalá e Exu para desfilar: "Firma na palma da mão, tem alujá e agogô / Império de Jorge, oxê de Xangô / Laroyê! Epa Babá! / Há de roncar meu tambor / O verso de Arlindo, morada do amor".

7. DADOS

Para efeito deste artigo, classifico as citações à temática das religiões afro-brasileiras em dois tipos – direta e indireta – para quantificar as aparições.

Por citação direta entende-se aquela em que o assunto é parte integrante do tema principal do desfile ou é o próprio tema central. Um exemplo é o desenvolvimento do desfile sobre a figura de um orixá específico, sua forma de manifestação, suas características físicas, cores, elementos da natureza, seus poderes no universo mítico.

Outra forma direta de citação estabelecida por este levantamento é quando o samba-enredo da escola trata de uma figura pública – cantor, ator, político – que se declara umbandista ou candomblecista e os elementos religiosos aparecem no desfile.

Ou ainda quando a escola trata de temas como religiosidade de maneira generalista ou cultura e os elementos das religiões afro-brasileiras compõem a letra do samba.

Como citação indireta entende-se citações rápidas a esses elementos ou a saudação aos orixás que são os respectivos protetores das escolas; praticamente todas elas fazem essa reverência antes de qualquer desfile, na abertura do portão do Sambódromo para a entrada da escola na avenida, independente do tema do desfile. Entendo que, desta forma, as religiões e suas simbologias não compõem o desfile; apenas fazem parte da ritualística da escola ao saudar sua comunidade, seus integrantes e suas origens, mas se configura como importante marcador da presença da religião na apresentação.

Organizando estes dados em números, chegamos a um quadro que nos mostra que os desfiles de carnaval no Rio em 2020, 2022 e 2023 tiveram um aumento significativo da temática religiosa afro-brasileira no Sambódromo em comparação com 2017, 2018 e 2019, tanto em números gerais quanto nas citações diretas, mais robustas.

TABELA 1 – Citações da umbanda, candomblé e outros ritos afro-brasileiros nos desfiles de carnaval do Rio de Janeiro de 2017 a 2023

ANO/DESFILE (*)	NÚMERO DE ESCOLAS	CITAÇÃO DIRETA	CITAÇÃO INDIRETA	TOTAL
2017	12	2 (16%)	3 (25%)	5 (41,6%)
2018	13	0	3 (23%)	3 (23%)
2019	14	1 (7,14%)	1 (7,14%)	2 (14,3%)
2020	14	1 (7,14%)	6 (42,8%)	7 (50%)
2022	12	5 (41,6%)	4 (33,3%)	9 (75%)
2023	12	4 (33,3%)	3 (25%)	7 (58,53)

(*) Em 2021 não houve desfile em razão da pandemia da covid-19.

Nos três primeiros anos, as citações diretas foram poucas ou nenhuma, enquanto as citações indiretas, que não dão destaque ao tema no desfile de fato, eram mais frequentes. Observamos que, em 2017, houve um total de 5 citações, sendo 3 indiretas. Ou seja, o assunto surge em quase metade dos desfiles, mas

a maioria é apenas uma citação breve.

Em 2018, são 3 citações em 13 desfiles e todas indiretas. Já em 2019 são apenas duas citações em 14 desfiles, uma de cada categoria.

Já em 2020, são 7 citações, sendo 6 indiretas, em 14 desfiles. Exatamente metade das escolas se referiu em algum momento à religião e seus elementos.

Em 2022, 5 das 12 escolas abordaram o tema de forma detalhada e outras 4 fizeram referência a ele. Isso dá um total de 9 escolas, ou 75%. Em 2023, são 4 escolas falando de religião afro-brasileira com destaque e outras 3 fazendo breves saudações. Um total de 7 de 12, ou seja, quase 60%.

Isso significa que pelo menos metade das escolas de samba tratou do tema nestes três últimos anos de observação deste artigo, lembrando, desta forma, suas origens e a relação com os terreiros de umbanda e candomblé.

No entanto, o ano de 2022 se destaca por ter a maior quantidade de escolas nos apresentando o assunto, mas também porque a escola vencedora está neste grupo – a *Grande Rio* foi a grande campeã do carnaval daquele ano com o samba-enredo “Fala, Majeté! As sete chaves de Exu”, o que torna tudo ainda mais significativo, uma vez que Exu é uma divindade que passou pelo processo de demonização histórica por parte de outras religiões e é sempre tema sensível quando se trata de religiosidade afro-brasileira. É por este motivo que me detenho sobre este desfile com mais detalhes a seguir.

8. FALA, MAJETÉ! SETE CHAVES DE EXU

O desfile "Fala, Majeté! Sete Chaves de Exu", da *Grande Rio*, teve como tema as diversas faces de Exu. Sua melodia foi criada a partir de pontos[8] de Exu e seu enredo começa com a saudação à chegada do orixá ao plano físico, o tratando com diferentes nomes, segundo a origem de cada culto.

O samba diz que Exu chegou ao Brasil com a fé dos africanos e sintetiza em sua figura toda a luta e resistência do povo quilombola.

Boa noite, moça, boa noite, moço
Aqui na terra é o nosso templo de fé
Fala, Majeté
Faísca da cabaça de Igbá
Na gira, Bombogira, Aluvaiá

[8] Músicas e cantos utilizados para conduzir os rituais da umbanda e do candomblé, fazer as aberturas e encerramento dos trabalhos, celebrar uma entidade específica, marcar o momento de limpeza espiritual, descarrego, dentre outros momentos importantes do ritual.

Num mar de dendê, caboclo, andarilho, mensageiro
Das mãos que riscam pemba no terreiro
Renasce palmares, Zumbi Agbá
Exu! O ifá nas entrelinhas dos odus
Preceitos, fundamentos, Olobé
Prepara o padê pro meu axé

No desfile, Exu é mostrado em suas mais variadas facetas – como o orixá da comunicação, que liga o mundo dos mortos ao mundo dos vivos; da transformação e da renovação das energias, situações e sentimentos ruins em novas oportunidades de vida; da festa, da boemia e da alegria; o guardião, sentinela dos mundos, das ruas, encruzilhadas, cemitérios e, por que não, das comunidades e favelas. Ele exalta as qualidades do orixá para contra-atacar os argumentos das igrejas pentecostais e neopentecostais de que Exu nada mais é que a representação do diabo.

A letra do samba diz:

Sou capa preta, tiriri, sou tranca rua
Amei o Sol, amei a Lua, marabô, alafiá!
Eu sou do carteado e da quebrada
Sou do fogo e gargalhada, ê, Mojubá!
Ô, luar, ô, luar, catiço reinando na segunda-feira
Ô, luar, dobra o surdo de terceira
Pra saudar os guardiões da favela
Eu sou da lira e meu bloco é sentinela
Laroyê, laroyê, laroyê!
É poesia na escola e no sertão
A voz do povo, profeta das ruas
Tantas estamiras desse chão
Laroyê, laroyê, laroyê!
As sete chaves vêm abrir meu caminhar
À meia-noite ou no Sol do alvorecer pra confirmar
Adakê Exu, Exu ê odará!
Ê bara ô, elegbará!
Lá na encruza, a esperança acendeu
Firmei o ponto, Grande Rio sou eu!

O trecho da letra que diz “Pra saudar os guardiões da favela / Eu sou da lira e meu bloco é sentinela”, que exalta Exu como o guardião da favela e associa a divindade e seu povo à festa, à magia o Carnaval, dialoga com Luz (1972) quando ele descreve a quimbanda. Para ele, o culto aos exus e pombas-gira nada mais é que um ritual libertário de sentimentos, desejos e aspirações da população pobre das favelas do Rio e de São Paulo.

No Sambódromo, a *Grande Rio* representou estes sentimentos de forma enfática, em fantasias e alegorias que mostravam a importância da figura de Exu

para os rituais de umbanda e candomblé.

Mas também falou sobre o processo de demonização pelo qual passa Exu, fruto da intolerância religiosa sofrida pelas religiões afro-brasileiras por parte das religiões cristãs, sejam elas católicas ou evangélicas, e de como esse fator é utilizado para tentar enfraquecer as religiões afro-brasileiras.

Birman (2009) chama este processo de "combate pentecostal ao mal diabólico":

> Tudo indica, ao menos no Rio de Janeiro, que acusações de feitiçaria têm circulado principalmente, e com especial intensidade, nos lugares onde se mostra acentuado o combate pentecostal ao mal diabólico: favelas e outras periferias, em geral designadas como comunidades. Os evangélicos, no cotidiano, através de menções à feitiçaria, cuja origem estaria nos cultos afro-brasileiros, denunciam crimes nefandos e atos de barbárie, provocando horror e estarrecimento nos seus ouvintes em igrejas, rádios e televisão. (BIRMAN, 2009, p. 321)

A origem deste ataque a Exu, segundo Prandi (2001), aparece nos relatos dos primeiros europeus a terem contato com seu culto iorubá, na África, que atribuíram a ele uma dupla identidade: a do deus fálico greco-romano Príapo e a do diabo dos judeus e cristãos, devido aos altares com representações materiais e símbolos fálicos do orixá-vodun e pelas qualificações morais narradas pela mitologia, que o mostram como um orixá que contraria as regras mais gerais de conduta aceitas socialmente. Ou seja, Exu se resumia aos olhos ocidentais como entidade sexualizada e demoníaca.

Como captou Pierre Verger em seus ricos registros das religiões afro-brasileiras no Brasil e na África, em uma proposta de catalogação dos elementos nos diferentes territórios para entender como as tradições advindas do outro continente se manifestaram em novas terras, em combinação com outras influências:

> Exu Elegbara dos yoruba, Legba dos fon, encerra aspectos múltiplos e contraditórios que dificultam uma apresentação e uma definição coerentes. (...) Exu é o mensageiro dos outros. Orixá e nada se pode fazer sem ele. É o guardião dos templos, das casas e das cidades. É a cólera dos orixás e das pessoas. Tem um caráter suscetível, violento, irascível, astucioso, grosseiro, vaidoso, indecente. Os primeiros missionários, espantados com tal conjunto, assimilaram-no ao Diabo e fizeram dele o símbolo de tudo que é maldade, perversidade, abjeção e ódio, em oposição à bondade, pureza, elevação e amor de Deus'

> (...) Exu revela-se talvez o mais humano dos Orixás, nem completamente bom, nem completamente mau (...) ele tem a qualidade dos seus defeitos. (VERGER, 2001, p. 119-122)

Outra contribuição histórica para deturpar a imagem de Exu está no livro *Fétichisme et Féticheurs*, do padre e missionário R. P. Baudin, publicado em 1884, que sistematizou a religião iorubá e é fonte de pesquisa de pesquisadores contemporâneos. Tais observações feitas "numa perspectiva cristã do século XIX são devastadoras", povoando o imaginário popular no Brasil, inclusive do povo-de-santo que cultua Exu (PRANDI, 2001).

> A legenda da figura diz: 'Elegbá, o malvado espírito ou o Demônio' (...) Já está lá, nesse texto católico de 1884, o binômio pecaminoso impingido a Exu no seu confronto com o Ocidente: sexo e pecado, luxúria e danação, fornicação e maldade. Nunca mais Exu se livraria da imputação dessa dupla pecha, condenado a ser o orixá mais incompreendido e caluniado do panteão afro-brasileiro. (PRANDI, 2001, p. 04)

Mais recentemente, as igrejas pentecostais e neopentecostais passaram a perseguir as religiões afro-brasileiras, as associando ao diabo, sendo este configurado na imagem de Exu. Souza (2019) lembra que este marco foi a publicação do livro "Mãe-de-santo", do pastor canadense Walter Robert McAlister, fundador da Igreja Pentecostal Nova Vida (1960), que relata detalhes da iniciação de uma sacerdotisa baiana do candomblé que "finalmente descobriu não mais pertencer sua alma ao diabo, pois o sangue de Jesus Cristo passou a ser em sua vida mais forte e poderoso que quaisquer oferendas".

Vinte anos depois, foi a vez de Edir Macedo publicar "Orixás, caboclos e guias: deuses ou Demônios", em que dá seu testemunho de ex-umbandista e aponta as entidades do candomblé, da umbanda e do espiritismo como "diabólicas". O livro é repleto de relatos e ilustrações de rituais das religiões afro-brasileiras, acompanhados de fotos com sangue sacrificial, tridentes, além de notícias de assassinato envolvendo os adeptos de tais cultos.

Macedo afirma que todo o mal do mundo advém do Diabo: doença, desemprego, baixa remuneração, vícios e desavenças familiares. E os associa ao que chama de "feições diabólicas": exus, caboclos, pretos velhos, orixás, guias e espíritos. Desta forma, consequentemente, ele acaba amaldiçoando o universo religioso rotulado de macumba, feitiçaria, magia negra e demonismo

(SOUZA, 2019).

Diante de todo este processo e deste cenário de tentativa de esvaziamento dos terreiros, apagamento cultural e evangelização dos povos de santo parece muito simbólico o fato de o desfile que exalta essa divindade tão desmerecida e diminuída fora dos terreiros tenha conquistado o título de campeão do carnaval 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de representarem apenas 0,34% das crenças dos brasileiros, segundo o Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as religiões afro-brasileiras não se constituem em uma minoria religiosa no sentido político do conceito, segundo Giumbelli (2006). Elas carregam um capital cultural inestimável e inegável, sendo o samba e o carnaval parte dele. Sendo assim, estas práticas religiosas, suas divindades e simbologias fazem parte da simbologia empregada nos desfiles de carnaval e na vida diária dos componentes das escolas de samba, especialmente no Rio de Janeiro, onde a umbanda nasceu.

Porém, o levantamento este artigo dos temas abordados nos desfiles aponta um certo distanciamento da temática nas composições dos sambas-enredos nos anos 2017, 2018 e 2019. O tema praticamente não é mote das apresentações nem suas divindades lembradas pelas agremiações ao entrar na Sapucaí, algo que é inclusive parte da ritualística dos desfiles.

A mesma análise mostra, no entanto, uma mudança de postura em 2020, 2022 e 2023, com referências fortes às religiões afro-brasileiras em mais da metade dos desfiles. Especialmente em 2022, os dados mostram que a umbanda, o candomblé, seus ritos, entidades e orixás permearam as apresentações de quase todas as escolas, justificando a ideia deste artigo de que o carnaval do Rio de Janeiro voltou para a sua casa, para as suas origens: os terreiros de umbanda e candomblé em que surgiram no início do século passado.

Ainda sobre o desfile de 2022, ficou marcada a vitória da Acadêmicos da Grande Rio – a primeira em 34 anos de existência da escola – com um samba-

enredo que celebra Exu, justamente a entidade mais atacada dentre as divindades do panteão africano. Na Sapucaí, se viu a exaltação da potência de Exu enquanto orixá, se viu a subversão de uma imagem então diabolizada pelo cristianismo e combatida pelas igrejas pentecostais e neopentecostais, especialmente.

É bastante simbólico que justamente este enredo tenha sido campeão, mas faz total sentido quando se sabe que Exu é tido como um orixá potente na sua capacidade de reverter situações negativas, segundo a crença candomblecista. E as religiões afro-brasileiras e seus praticantes puderam cantar livremente e em toda a sua plenitude suas raízes, suas origens e sua força, defendendo uma sociedade em que a liberdade religiosa precisa prevalecer.

Por fim, termino este artigo, pois não poderia ser de outra forma, citando parte do samba-enredo campeão da Grande Rio: “Lá na encruza, onde a flor nasceu raiz / Eu levo fé nesse povo que diz / Boa noite, moça, boa noite, moço”.

REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil.** Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 3ª ed. São Paulo, 1989.

BASTIDE, Roger. **Estudos afro-brasileiros**. Editora Perspectiva, São Paulo, 1973.

BIRMAN, Patrícia. Feitiçarias, territórios e resistências marginais. **Mana,** Rio de Janeiro, Volume 15, Número 2, Outubro de 2009.

GIRON, L. **O etnógrafo enfarinhado: Gonçalves Dias na guerra contra o entrudo**. Métis: história & cultura. América do Norte, 1, ago, 2011. P. 191-192.

GIUMBELLI, Emerson. Minorias religiosas. In: TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (Orgs.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis, Vozes, 2006. JUNIOR, Luiz Rufino Rodrigues. Pedagogias das Encruzilhadas. Revista Periferia, v.10, n.1, p. 71-88, Jan./Jun. 2018.

LUZ, Marco Aurélio e LAPASSADE, George. **O segredo da macumba**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972.

PIERUCCI, Antônio Flávio. “Bye bye, Brasil” – O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. **Estudos Avançados**. V. 18, nº 52, 2004, p. 17-29

PORTAL O GLOBO, 16 de fevereiro de 2023. Disponível em: https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2023/02/capital-do-carnaval-rio-e-o-destino-mais-buscado-por-turistas-para-a-folia.ghtml. Acesso em: 10/09/2024.

PRANDI, Reginaldo. O que você precisa ler para saber quase tudo sobre as religiões afro-brasileiras. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**. BIB-ANPOCS, São Paulo, nº 63, 1º semestre de 2007, págs. 7-30.

PRANDI, Reginaldo. Exu, de mensageiro a diabo. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu**. Revista USP**. São Paulo, 46-63, 2001.

REVISTA EXAME, 17 de junho de 2017. Disponível em: https://exame.com/brasil/rio-estuda-financiamento-privado-para-escolas-de-samba/. Acesso em: 10/09/2024.

SITE MUSEU AFRO BRASIL, 30 de dezembro de 2014. Disponível em: http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/historia-e-memoria/2014/12/30/ismael-silva. Acesso em: 10/09/2024.

SITE PODER 360, 13 de fevereiro de 2023. Disponível em: https://www.poder360.com.br/brasil/carnaval-deve-movimentar-economia-do-rio-em-r-45-bilhoes/. Acesso em: 10/09/2024.

SITE RIO CARNAVAL. Disponível em: https://www.riocarnaval.org/pt/carnaval-do-rio/historia. Acesso em: 10/09/2024.

SOUZA, André Ricardo de; ABUMANSSUR, Edin Sued; LEITE JUNIOR, Jorge. **Percursos do Diabo e seus papéis nas igrejas neopentecostais.** Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, v. 25, n. 53. Abril, 2019, p. 385-410.

VERGER, Pierre. **Notas sobre o culto aos orixás e voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil e na Antiga Costa dos Escravos, na África**. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

Recebido em 06/09/2023.

Aprovado para publicação em 31/07/2024.